



Emanuel guarda o sol nos olhos como um disco luminoso flutuando na escuridão. Ele gosta de observar o céu do deserto e imaginá-lo como um mar de ponta-cabeça. Como outras crianças sírias, ele vive com sua família em um campo de refugiados. A vida não é nada fácil por lá, ainda mais porque ninguém ali teve escolha. Mesmo assim, encontra um lugar para sonhar na companhia dos amigos, especialmente da menina Amal, por quem nutre um sentimento diferente, que ainda não compreende muito bem.

O COMETA É UM SOL QUE NÃO DEU CERTO • TADEU SARMENTO



BARCO
A VAPOR

PRÊMIO
BARCO
A VAPOR



O cometa é um sol que não deu certo

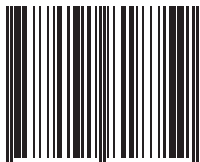
Tadeu Sarmento

Ilustrações
Apo Fousek

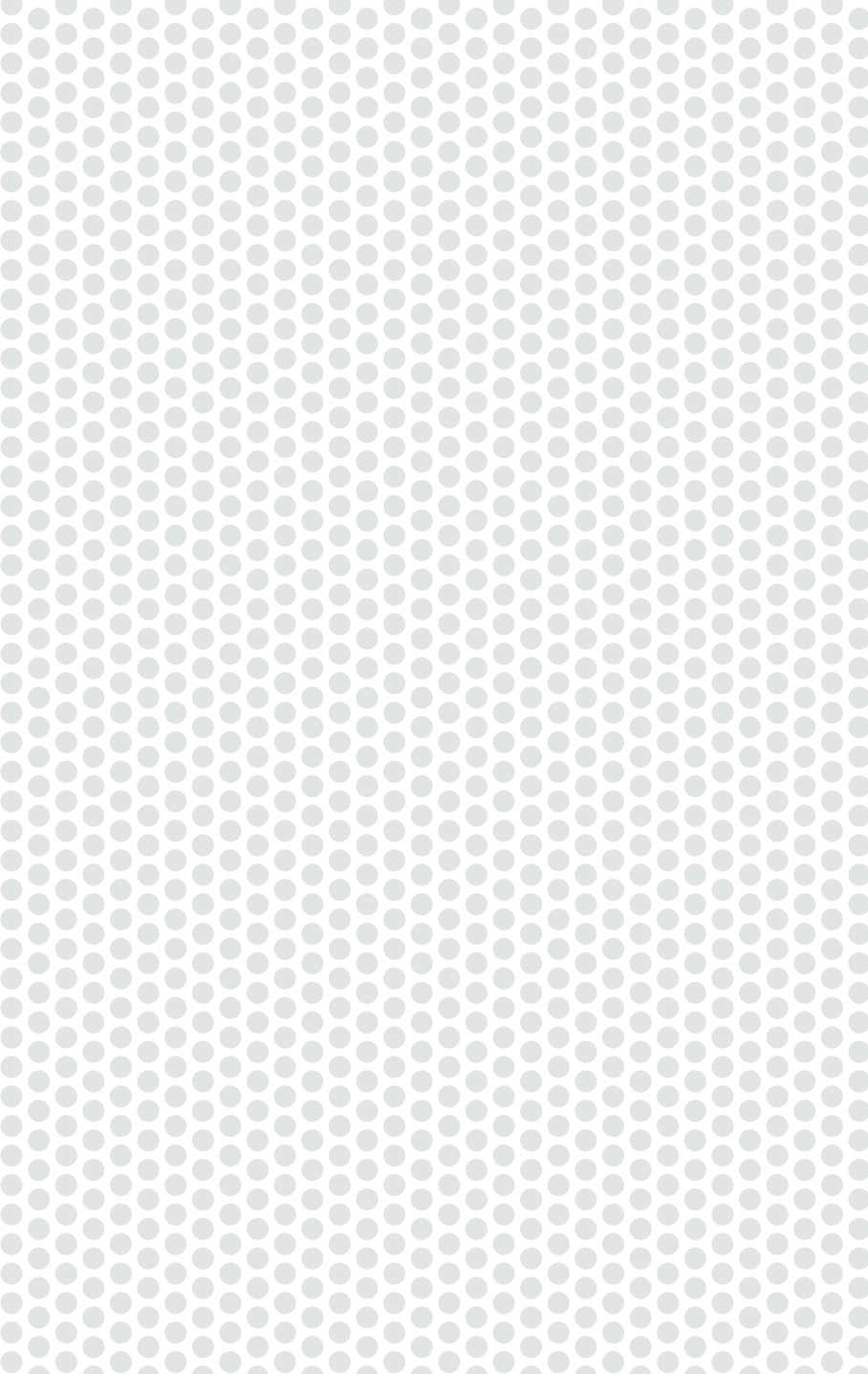


1 8 3 9 6 2

ISBN 978-85-418-1875-9



9 788541 818759



**O cometa é um sol
que não deu certo**

© Tadeu Sarmiento, 2017

Coordenação editorial: Graziela Ribeiro dos Santos
Assistência editorial: Olívia Lima
Revisão: Marcia Menin

Edição de arte: Rita M. da Costa Aguiar
Produção industrial: Alexander Maeda
Impressão: Bartira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sarmiento, Tadeu

O cometa é um sol que não deu certo /
Tadeu Sarmiento ; ilustrações Apo Fousek. -- São Paulo :
Edições SM, 2017. -- (Coleção barco a vapor)

ISBN: 978-85-418-1875-9

1. Ficção - Literatura infantojuvenil I. Fousek, Apo. II. Título
III. Série.

17-08166

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5
2. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Grafia conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

1ª edição outubro de 2017

2ª impressão 2018

Todos os direitos reservados a

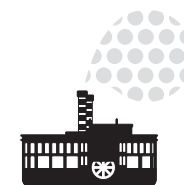
EDIÇÕES SM

Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55

Água Branca 05036-120 São Paulo SP Brasil

Tel.: 11 2111 7400

www.edicoessm.com.br



BARCO
A VAPOR

O cometa é um sol que não deu certo

Tadeu Sarmiento

Ilustrações
Apo Fousek



Para a princesa Iarinha Ariel

● 1

DE DIA, TUDO LÁ É TÃO CLARO que Emanuel fica com a vista embaçada e anda como se fosse cego. Todo mundo acha graça nisso.

— É por causa do sol — diz ele, sorrindo.

E muita coisa acontece depois.

É que a luz do sol batendo no chão branco pode cegar qualquer um, mas só Emanuel anda daquele jeito, olhando para baixo, ainda mais ao meio-dia. Tem gente que diz que ele faz aquilo só para arrancar risadas dos outros.

E como faz calor! A vida por lá é muito difícil; ou as pessoas estão tristes, ou com fome, ou com medo (ou as três coisas juntas). Por isso é bom rir de vez em quando. É o que pensa Emanuel.

Mas ele jura que não é por querer que anda feito cego. Diz que fecha os olhos e o sol realmente continua dentro deles, na forma de um disco luminoso flutuando na escuridão. Um sol dentro

dos olhos, do tamanho e da cor de uma tangerina cheia de suco.

O chão é branco igual a leite de cabra, só que ralo. Leite de uma cabra magra e cansada. Os adultos dizem que lá a cor é assim porque estão em um deserto onde ninguém estaria se não houvesse pessoas como eles.

— E como o sol pode ficar no céu e dentro dos olhos da gente ao mesmo tempo? — pergunta Amal, apertando a borda do vestido sujo com as duas mãos.

Emanuel não sabe o que responder a ela. Ele ainda é criança e não tem resposta para muitas coisas. Porém de uma coisa ele sabe: é sempre mais fácil fazer perguntas difíceis que responder a elas. Assim que descobriu isso, passou a responder às perguntas difíceis com uma pergunta difícil também.

— E como sabemos que o sol está no céu se não conseguimos olhar direto para ele?

— Você é bobo.

— Você acha?

— Não sabe responder nada direito?

— Direito de que jeito?

— Sem fazer outra pergunta, feito as pessoas normais.

Emanuel sorri e se cala. Ele conhece Amal e gosta desse jeito dela.

Então se agacha e começa a desenhar na areia, com o dedo indicador, o que parece ser um peixe.

— Bom, vou indo, então. Até mais — diz Amal.

— Até — responde Emanuel.

Mas ela fica. Amal sempre fica.

Os dois vivem em um campo de refugiados. É um lugar difícil para eles, para as outras crianças e também para os adultos, mas ninguém ali teve escolha.

Emanuel olha para o céu em direção às nuvens (não ao sol, mas às nuvens) e pensa que ninguém nunca tem escolha. Que as pessoas são iguais àquelas nuvenzinhas no céu, empurradas pelo vento sabe-se lá para onde ou até quando. Depois pensa que o céu é tão grande que parece tocar as duas pontas do campo e tão azul que dá a impressão de ser um mar de ponta-cabeça, suspenso sobre todos nós.

— E o mar é assim mesmo? — pergunta Nabir, colocando a mão na testa para fazer sombra nos olhos e poder olhar na mesma direção de Emanuel, que acabara de se erguer do chão, terminado o desenho.

Só então Emanuel se dá conta de que pensou alto.

— O quê? — pergunta ele.

— Isso de o céu ser um mar de ponta-cabeça.

— Você nunca viu o mar?

— Está vendo? Ele é bobo. Nunca responde nada direito pra gente — resmunga Amal.

— Acho que ele nunca viu o mar, assim como eu — responde Nabir.

— O que eu sei é que o mar se parece com o céu — afirma Emanuel.

— Com o céu, com o céu... Você é tonto, Emanuel. E onde estão as ondas? — pergunta Amal, apontando para cima com o dedo, mas sem olhar para o alto.

— As ondas são as nuvens — diz Emanuel.

— E os peixes? — quer saber Nabir.

— São os pássaros.

— E o que você desenhou ali no chão é um peixe ou um pássaro? — dispara Amal.

— O que você acha que é?

— Tonto! Agora vou embora mesmo, tchau.

Mas Amal não sai do lugar.

Então Nabir continua:

— Meu pai disse que estamos aqui porque vamos atravessar o mar, nem que seja a nado.

— Nadar até onde? — pergunta Amal, subitamente preocupada, olhando para Emanuel como quem diz que ainda está ali, mas não por causa dele.

— Até outro país. Teremos uma vida melhor por lá. Todos nós. É o que fala meu pai. Uma vida melhor do outro lado do mar.

— Dizem que lá tem uma praia — comenta Emanuel.

— Isso mesmo, a praia do outro país — concorda Nabir.

— Mas é a praia que é a borda do mar ou o mar que é a borda da praia? — indaga Amal.

— Não sei — responde Nabir.

— Bom, e se a gente se afogar? — continua a perguntar ela.

Emanuel olha para Amal com ternura, mas permanece calado, agora fazendo buracos no chão com o dedão do pé.

— Ah, meu pai fala que é melhor morrer no mar que na Síria — observa Nabir.

— O que ele quer dizer com isso? — resmunga Amal.

— Que prefere morrer afogado a morrer nas mãos das brigadas rebeldes. Ele diz que tem muitos extremistas escondidos nas brigadas que